

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

Edição especial comemorativa do 10º aniversário
da Escola Superior de Educação

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Propriedade
Instituto Politécnico da Guarda

Director
Presidente do IPG

Redacção
Serviços Centrais do I.P.G.
Av. Dr. Francisco Sá Carneiro nº 50 * 6300 Guarda
Telef. (071) 220 111* Fax (071) 222690

Composição
Centro de Audiovisuais e Publicações

Execução Gráfica e Impressão
Secção de Reprografia do I.P.G.

Periodicidade
Semestral

Tiragem
1.000 ex.

Depósito Legal
nº 17.981/87

nº XX* Setembro de 1997

Edição especial comemorativa
do 10º aniversário da Escola Superior de Educação

Capa: Vista parcial do edifício da ESE

APRESENTAÇÃO

A Escola Superior de Educação da Guarda está a comemorar dez anos de existência com várias actividades culturais. Com esta idade, a E.S.E. tem uma vida ainda muito curta em comparação com os cerca de setecentos anos da prestigiada Universidade de Coimbra.

Esta efemeridade é ocasião para repensar o tempo passado que só existe enquanto presente e visionar o futuro que se quer já actual.

Com dez anos, a Escola tem forçosamente o sonho e a inquietação da sua juventude, procurando caminhos, alimentando esperanças, correspondendo às necessidades dos jovens ávidos de cultura e de progresso. Numa audácia prudente e numa inquietação apoiada, a Escola vai crescendo de modo persistente entre crises que para os jovens nunca são um fim, mas um eterno começo.

Este crescimento tem-se operado de modo quantitativo e qualitativo. Ao longo destes anos aumentou o número de alunos e logicamente de professores. A grande preocupação está na procura da qualidade do ensino, na motivação intelectual dos estudantes, na formação dos docentes, a que se pede um esforço continuado de actualização científica e pedagógica.

Nesta evolução procurou-se corresponder aos anseios dos jovens, às exigências do tempo, às necessidades das instituições económicas e sociais. Por estas razões a E.S.E., continuando a formar professores, voltou-se para o meio comercial e empresarial, criando alguns cursos de reconhecida utilidade pública. Nesta visão pragmática, os responsáveis nunca deixaram de conjugar o regional e o nacional, sem esquecer a experiência e a vitalidade de algumas instituições da vizinha Espanha.

Durante estes anos foram estabelecidas relações com outras escolas superiores, com evidentes benefícios para uma visão mais alargada e uma abertura a novos horizontes. Deste modo se vão consolidando as estruturas, criando uma melhor consciência das responsabilidades científicas e educativas.

Inserida na região da Guarda, a E.S.E. não pode esquecer as instituições culturais, sociais, económicas e tradicionais das

Beiras, transmitindo os seus valores e recriando a memória. Por outro lado está atenta às pessoas, valorizando a formação complementar e contínua em vários ramos do saber, com particular atenção aos professores da Guarda e regiões mais próximas. De todos os que trabalham nesta Escola, há que destacar os alunos, razão essencial de todas as preocupações e anseios. Eles vêm de todo o país para subir à Guarda, subindo durante alguns anos na cultura, na formação e numa esperança sustentada pelo esforço individual e colectivo.

Nesta Escola que está de certo modo ainda no começo de uma vida que se deseja longa, não se tem descurado a investigação científica de que há belos exemplos com trabalhos individuais de professores e de alunos. A testemunhar esta inquietação intelectual está sobretudo a Revista *Educação e Tecnologia* que se tem mantido com a valiosa colaboração dos docentes e uma impressionante regularidade.

Apesar de todas as dificuldades a Escola Superior de Educação da Guarda vai trilhando o seu caminho que, se faz ao caminhar, com uma esperança efervescente, ainda que oscilante.

José Júlio Esteves Pinheiro
Manuel Carvalho Prata
António M. Matoso Martinho

DO PROCESSO DA PERCEPÇÃO À REPRESENTAÇÃO-IMAGEM

Teresa Oliveira

É através do estudo dos princípios fundamentais que estão na base da produção da imagem que obteremos uma melhor compreensão da sua problemática. Daqui decorre a necessidade de partirmos do processo da percepção como primeiro passo para compreendermos o processo de representação. Destas duas operações, uma perceptual de ordem selectiva e outra representativa, depende a significação da imagem.

O estudo da percepção deu origem a várias teorias. A teoria Gestaltista (do termo "Gestalt" que se traduz por "forma" ou "configuração", designado por Kohler em 1920) formula uma série de leis que dizem respeito ao fenómeno complexo da organização perceptiva. Para os seus defensores, a percepção não é o resultado da síntese dos dados das sensações, mas um processo global estruturado a partir da forma exterior.

A teoria psicofísica da percepção, defendida por Gibson e sua mulher Eleanor (1974), parte do pressuposto que cada indivíduo tem as potencialidades necessárias para aprender e sobreviver no seu meio. A tónica fundamental da sua teoria, conhecida como "óptica ecológica", recai sobre o nosso aparelho óptico que, segundo eles, possuem os mecanismos necessários para realizar a acção perceptiva, prescindindo da mediatização de processos mentais internos uma vez que a informação é fornecida pela luz do meio ambiente. Para Gibson este é o princípio fundamental. O meio ambiente natural possui as qualidades necessárias para permitir que o receptor incorpore a informação directamente.

Na última década as investigações realizadas sobre a

percepção, levaram à designada "psicologia cognitiva". Os estudos realizados partem da hipótese que o processo da percepção é um processo cognitivo. O nosso sistema visual é um mecanismo complexo, capaz de registar e processar os objectos do mundo envolvente e permite-nos perceber as formas, tamanhos, cores, movimentos e distância das coisas. O que cada um de nós realiza frente ao meio envolvente é ir ao seu encontro, descobri-lo, perceber os objectos que nos circundam através dos sentidos, isto é, apreendê-los de uma forma activa. O conhecimento de um objecto não está apenas determinado pelas sensações visuais, auditivas e olfactivas. Existe uma maneira particular de o conhecermos que está intimamente ligada com a experiência individual e social de cada um de nós. A visão não é um acto meramente físico mas é uma experiência dinâmica como refere Arnheim (1975) "longe de ser um registo mecânico de elementos sensoriais, a visão prova ser uma apreensão verdadeiramente criadora da realidade: imaginativa, inventiva, perspicaz e bela" (p. 17).

Assim, o processo da percepção implica operações fundamentais para a compreensão dos objectos que dizem respeito a factores fisiológicos e psicológicos. Durante este processo, o sujeito elabora hipóteses sobre os estímulos recebidos, atribui-lhes um valor significativo e representativo, encontrando ou não uma equivalência formal com percepções anteriores.

A percepção é, pois, um processo que se desenvolve em duas fases: na primeira a atenção detecta e analisa as características mais representativas dos objectos; na segunda o receptor constrói perceptivamente um objecto concreto de acordo com os dados anteriormente arquivados na memória. Embora todo este processo se desenvolva de um modo quase instantâneo, existe uma ordem sequencial da primeira para a segunda fase.

A atenção

No processo da percepção visual podemos destacar a selecção como um dos princípios fundamentais da percepção preconizada pelos diversos autores da teoria. A capacidade de selecção "aproxima-se bastante de que é uma conduta inteligente" (Villafane, 1992, p. 81). Diariamente um indivíduo recebe uma grande quantidade de estímulos mas apenas consciencializa uma parte deles. Daqui resulta que a percepção selecciona apenas os que despertam mais atenção e que cada indivíduo efectue esta selecção de maneira diferente. Perante uma determinada realidade cada receptor capta uma certa informação e ignora outra, sendo a atenção o mecanismo responsável pela selecção.

A percepção como processo dinâmico

Face à psicologia perceptiva, Neisser (1981) apresenta-nos uma questão relevante na sua teoria que consiste na formulação dos "esquemas antecipatórios" como estruturas cognitivas (a psicologia cognitiva parte do suposto que o indivíduo é um ser humano, um sistema activo que identifica, selecciona, interpreta, organiza a informação que o meio lhe oferece, tomando finalmente as suas decisões) que desenham antecipadamente o campo perceptivo e predis põem o receptor a seleccionar a informação.

Assim, os esquemas antecipatórios determinam o que há-de ser percebido, isto é, o receptor procura previamente o que quer ver e que de algum modo se relaciona com o que já conhece. Neisser considera a percepção como um processo activo e construtivo em que o receptor, antes de processar a nova informação e com determinados dados adquiridos anteriormente, constrói um esquema informativo que lhe vai permitir verificar se o estímulo se adequa ou não ao esquema proposto: "O receptor é activo. Até certo ponto elege o que vai ver, seleccionando para a sua atenção alguns objectos e percebendo algumas das suas características em lugar de outras" (Neisser, op. cit. p. 70). A construção dos esquemas antecipatórios pressupõe, segundo este autor, um acto dinâmico em que o receptor interactua permanentemente com o meio, afectando tanto a informação externa como os seus próprios mecanismos cognitivos. Depois de processada, a nova informação transforma o esquema perceptivo "de tal modo que o acto seguinte seguirá um percurso distinto" (idem).

A qualidade das experiências perceptivas

Assim, no processo perceptual entram em acção factores cognitivos prévios que englobam a nossa experiência com o mundo e também motivações concretas que são factores condicionantes e nos orientam na exploração perceptiva, sendo esta, como já referimos, selectiva e dinâmica. Cada receptor orienta o seu mecanismo de atenção perante uma realidade, retirando para ele o que é relevante num determinado contexto.

Se a percepção é um processo mediante o qual o indivíduo condicionado pelo contexto cultural, conhece os objectos através de experiências sensoriais e da organização cognitiva dos conhecimentos anteriores, então, justifica-se a afirmação de Sousa:

(...) parece deduzível que a visão é tanto mais profunda e fecunda quanto maior for o nosso conhecimento e experiência do mundo das coisas e seres que o constituem. Em princípio, se tivermos um passado rico de experiências, rico em memórias, tanto mais alargada será a nossa consciência do meio envolvente e portanto (...) a nossa capacidade de agir e comunicar (s/d p. 16).

A conceptualização visual no processo perceptivo

Referimos acima que a característica mais importante da percepção é o seu poder de selecção. Contudo a selecção perceptiva não é, por si só, um factor que conduza à cognição se não existir um processo de conceptualização. A expressão "pensamento visual", refere precisamente o carácter cognitivo da percepção visual e, por sua vez, possui uma ligação com os esquemas formulados por Neisser. A actividade do receptor, dirigida pelo esquema, constrói abstracções visuais a partir de vários dados dos objectos que definem determinados traços pertinentes destes. A abstracção visual é, no fundo, a conceptualização visual que resulta de todo o processo da percepção.

Margalef (1987) designa este tipo de abstracção como uma "categoria perceptual abstracta", definindo esta como:

uma qualidade literal, percebida no momento, de uma situação estimulante concreta. Sendo adequada à descrição da realidade ambiental é, sobretudo, a 'matéria prima' da actividade de esquematização 'realizada' pelo receptor" (p. 121)

A noção de categoria perceptual e a sua implicação no processo perceptivo está presente de um modo ou de outro em quase todas as teorias. Arnheim (1975) sustenta a utilização de categorias perceptuais. A categorização é também a base da teoria perceptual de Bruner (1966) que estabelece uma relação com outros processos cognitivos.

Tudo isto significa que a nossa visão do mundo é em certa medida construída através de representações internas em que interactivam diversos factores de ordem individual e cultural. Não deixa de ser "uma visão incompleta ou parcial do real" mas [e]la é, para cada sujeito, o seu real" (Develay, 1993, p. 9).

Estas representações são um "requisito fundamental para a aquisição da linguagem, e, através dela, o desenvolvimento da competência comunicativa" (Sarramona, 1988, p. 162).

Testemunho desta abstracção visual que nos é imposta pelos vários factores que implicam uma determinada visão do mundo é a arte. Séculos de arte são prova da diversidade da linguagem visual, traduzindo-se nas obras elaboradas por artistas de culturas e de períodos diferentes, várias maneiras de ver e de representar o mundo.

De facto, os artistas plásticos utilizaram desde sempre categorias visuais na sua interpretação da realidade, traduzindo-as em conceitos representacionais. Através da elaboração dos esquemas representacionais que materializam uma obra de arte, o artista abre um caminho novo ao espectador, permitindo-lhe uma exploração, um reconhecimento e também uma experiência cognitiva e emocional.

O processo de representação surge associado ao processo de percepção, ao modo de ver ou de aprender o mundo. Como refere Sousa (1990, p. 52),

esta mobilidade do ver e do fazer confirma-se portanto ao nível da mecânica das percepções e no plano das percepções e no plano das nossas sucessivas aprendizagens em face de uma realidade cuja aparência se altera a todo o instante, de uma realidade mutável e movente (...).

A polissemia própria da linguagem visual e a pluralidade de leituras que esta permite ligam-se mutuamente. Surgem então os vários sentidos que são determinados pelas diferentes subjectividades: por um lado, pelas experiências de vida que o emissor como criador pretende transmitir e, por outro, pela sua experiência existencial que inclui as aprendizagens realizadas pelo receptor.

Bibliografia

- ARNHEIM, R. (1975) "Art and Visual Perception". Universidade Califórnia, Press, Berkeley.
- BRUNER, J. & Outros (1966) "Investigacions sobre el desarrollo cognitivo". (Trad. Cast.). Ed. Pablo del rio, Madrid. (1988).
- DEVELAY, M. (1993) "Les representations mentales". Cahiers Pedagogiques, n.º. 312, Mars, (9-10)
- GIBSON, J. (1950) "La Percepcion del Mundo Visual". (Trad. Cast.) Ed. Infinito.

Buenos Aires (1974).

MARGALEF, J. (1987) "Percepcion, Desarrollo Cognitivo y Artes Visuales". Ed. Anthrope, Madrid.

SOUSA, R. e BATISTA, H. (s.d) "Para uma Didáctica Introdutoria às Artes Plásticas", Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

SOUSA, R. (1991), "Ver e Tornar Visível" (documento policopiado), Universidade Aberta, Lisboa.

VILLAFANE, J. (1985) "Introducción a la Teoria de la Imagen", Ed. Pirámide, Madrid.

NEISSER, V. (1967). "Proceso Cognitivo y Realidad". (Trad. Espanhola), Ed. Marova, Madrid (1981).

SARRAMONA, Y. (1988). "Comunicacion y Educacion", Ed. Cear, Barcelona.